

## Artigos Livres

### **De Achegas a Reminiscências: vivido, memórias acionadas e reapropriadas de Mons. João Maria Balem (1920-1950)**

*From Achegas to Reminiscences:  
lived, activated and reappropriate memories of Mons. João Maria Balem (1920-1950)*

Vanessa Gomes de Campos,<sup>1</sup> UPF

#### **Resumo**

O presente artigo pretende compreender o acionamento das próprias memórias de João Maria Balem (1887-1978), sacerdote do clero secular de Porto Alegre, sobre o período em que foi Diretor das Obras da Catedral de Porto Alegre. Tendo como recorte as versões de seu texto *Reminiscências – A nova Catedral de Porto Alegre (1920-1950)*, refletir, inspirando-se no círculo hermenêutico de Paul Ricoeur, a forma como mons. Balem escrevia e se reapropriava das memórias.

**Palavras-chave:** Memória; acervo pessoal; Mons. Balem; catedral de Porto Alegre.

#### **Abstract**

This article involves understanding the triggering of the memories of João Maria Balem (1887-1978), priest of the secular clergy of Porto Alegre, about the period in which he was Director of the Works of the Cathedral of Porto Alegre. Based on the versions of his text *Reminiscences – The new Cathedral of Porto Alegre (1920-1950)*, to reflect, inspired by the hermeneutic circle of Paul Ricoeur, on how Msgr. Balem wrote and reappropriated his memories.

**Keywords:** Memory; personal collection; Mons. Balem; Porto Alegre Cathedral.

#### **Sobre mons. Balem e memória**

Ao longo de sua trajetória, João Maria Balem, ou mons. Balem, como ficou conhecido, teve diversos interesses, dentre os quais destacaram-se a história de sua terra natal (Caxias do Sul), a história eclesiástica e a construção da nova Catedral de Porto Alegre. Para cada um desses “temas”, Balem coletava material na imprensa, depoimentos, pesquisas em arquivos públicos, e tudo o que encontrasse, como folhetos, cartazes, cartões postal. Além da coleta, mantinha agendas do tipo “Memórias”, impressas na Livraria do Globo, para anotar as efemérides do dia, o que se revelou não ser uma organização constante, posto anotar não só os

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Bolsista Capes. Coordena o Grupo de Estudos Paleografia na Prática, do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF). Membro da Rede de Pesquisa em Acervos e Patrimônio Cultural (REPAC) e do Grupo de Pesquisa e Discussão do Laboratório de Estudos das Crenças (LEC). Arquivista e historiógrafa no Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre (AHCMPA). E-mail: arquivo@arquivoa.com.

fatos do ano em questão, mas de qualquer ano, de séculos anteriores, assim como segui-las utilizando após o ano da agenda.

O tratamento do acervo de Balem foi substancialmente motivado há cerca de dois anos, quando iniciamos o processo de organização, visando à preparação de uma publicação alusiva ao centenário da pedra fundamental<sup>2</sup> das obras da nova Catedral. Como todas as etapas da obra foram fotografadas, desde o aterro (1919) e demolição da antiga matriz (1920) até às voltas de 1970, quando colocado o zimbório nas torres, a proposta era criar uma narrativa imagética, com pequenas legendas e/ou textos que auxiliassem a compreensão das fotos.<sup>3</sup> Conseqüentemente, as agendas “Memória”, nas quais mons. Balem fazia todo tipo de anotação particular, inclusive elaborando textos e emitindo opiniões peculiares sobre certos indivíduos, foram analisadas, buscando identificar informações relacionadas às imagens.

À medida que as fotografias ganhavam sentido e eram ordenadas cronológica e tematicamente, começaram a surgir questionamentos sobre sua produção. Eram muitas imagens, às vezes com ângulos específicos, detalhes singulares da obra e do seu entorno, além da pose marcante – presente em muitas imagens – do mons. Balem, homem alto em sua longa batina.

No cruzamento das notas com a correspondência expedida pelo arquiteto italiano a Balem, Diretor das Obras, surgiram mais perguntas sobre a própria figura do mons. Balem enquanto produtor e primeiro custodiador daquele imenso acervo. Em um primeiro momento, a dúvida girava em torno à percepção de Balem, no sentido de procurar compreender se, à medida que gerava o material, teria noção e/ou intenção de legar à posteridade a sua memória, como aponta Mckemmish (2018, p. 240), de preservar o testemunho de si mesmo, através de vestígios criados, selecionados e guardados.

Por outro lado, a partir da leitura do texto intitulado *Reminiscências – A nova Catedral de Porto Alegre, por Mons. João Maria Balem, 1º Diretor das Obras (1920-1950)*, foi possível perceber algumas mudanças nos escritos de Balem. Enquanto é possível identificar a ausência de constrangimento nas críticas nas anotações da agenda, no texto *Reminiscências* percebe-se um refinamento ao longo das três versões encontradas no acervo, sem contar a publicada.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Lançada a 07 de agosto de 1921.

<sup>3</sup> O arquivo fotográfico a que nos referimos é composto por cerca de 1.500 imagens. Dentre estas, selecionamos 170 itens para a elaboração do projeto gráfico do livro, lançado em agosto de 2021 (CAMPOS; ZUCHETTI; VOLPATTO, 2021).

<sup>4</sup> Apesar do título ser o mesmo, somente parte do texto original foi publicado no jornal *Correio do Povo* do dia 05/09/1976. Em 1987, pouco depois da inauguração total da nova Catedral de Porto Alegre (ocorrida a 10/08/1986) a revista *Unitas*, editada pela Arquidiocese de Porto Alegre, homenageou mons. Balem “que durante

*Reminiscências – A nova Catedral de Porto Alegre* é uma narração linear, destacando-se os indivíduos que se envolveram desde à idealização do projeto da nova Catedral, passando por eventos e testemunhos do que Balem teria vivenciado durante os 30 anos à frente do projeto. Tal texto, por si só, já seria um material interessante, porém as versões, entre manuscritos e datilografados, contêm acréscimos e correções. Entre as versões manuscritas conseguimos identificar etapas da escrita, por conta da letra e das tintas de colorações diferentes. A versão final<sup>5</sup>, por assim dizer, não contempla passagens críticas ou longas descrições que se leem nos textos anteriores; inclusive o título modifica-se de *Achegas* para *Reminiscências*. As sucessivas versões foram sendo implementadas no período em que já não era mais o Diretor das Obras, além de contarem, quase que exclusivamente, com suas memórias.

Em vista das ocorrências observadas, o presente texto visa compreender se, ao perceber-se envolto em uma ruptura orgânica com o passado, devido ao seu afastamento das obras da nova Catedral, mons. Balem acionava a memória, retornando a ela e realinhando-a em cada nova versão do texto *Reminiscências*.

Para tanto, estruturamos a apresentação em três partes. A primeira, propõe-se a discutir sobre as particularidades da constituição e institucionalização do acervo do mons. João Maria Balem. Em seguida, buscamos entender as circunstâncias em que Balem acionaria a memória para, na terceira parte, inspirando-se no círculo hermenêutico de Paul Ricoeur, refletir como Balem escrevia e se reapropriava das próprias memórias.

### **Balem e seu acervo**

O acervo do mons. Balem é custodiado pelo Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre (AHCMPA), no mesmo local onde o sacerdote passou os últimos anos de sua vida e tendo acesso privilegiado a muitas fontes de pesquisa.

À exceção dos 18 primeiros anos de vida, dos anos em que estudou em Roma (1908-1912) e em que foi pároco da igreja N. Sra. da Glória em Porto Alegre, ele sempre residiu na

---

30 anos dirigiu as obras e cujo centenário de nascimento transcorrerá em 10-4-1987”, transcrevendo a publicação do jornal, suprimindo somente a palavra “Reminiscências” do título (UNITAS, fasc. 1 a 3, jan./mar. 1987, p. 37-40). Dois anos depois, com o título completo, a publicação do jornal foi novamente transcrita na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, na seção “Matéria de Arquivo” (RIHGRGS, n. 125, 1989, p. 134-139). O texto integralmente, como se encontra em seu arquivo, nunca teria sido publicado.

<sup>5</sup> As últimas informações que aparecem no texto datam de fevereiro de 1974, pois refere o falecimento de um dos pedreiros da obra. A publicação de 1976, no entanto, trata apenas da articulação para a escolha do estilo, situando o relato nos primeiros meses de 1920.

Cúria Metropolitana, até sua morte.<sup>6</sup> Além da relação com o local onde sempre viveu, o acúmulo de seu acervo também pode estar vinculado à sua condição sacerdotal, na qual escrita e sacralidade têm profunda conexão. Conforme Silva (2017, p. 216-217), na tradição cristã a escrita teve papel decisivo na preservação e transmissão dos preceitos sagrados, proporcionando inclusive “um poderoso catalisador identitário”.

Mons. Balem teve tal formação e soube atuar de acordo com as possibilidades que lhe foram oferecidas. No entanto, para compreender o acervo e seu produtor é necessário partir do pressuposto que os acervos são construções sociais. Ketellar (2018, p. 195-196) nos alerta que tanto o lugar, quanto os documentos que custodia tem uma trajetória implícita, ou seja, estão envolvidos em estruturas narrativas e carregados de significações culturais. Por isso é primordial refletir as “espessas camadas de intervenção e significado” tanto do produtor quanto de quem esteve à frente de sua gestão como nos alertam Schwartz e Cook (2004, p. 16-18).

É a partir dessa perspectiva que propomos a observação do acervo do mons. Balem. Apesar do estudo e processamento técnico do acervo ainda ser incipiente, sem se ter desvendado quais camadas de intervenção poderiam tê-lo marcado, é possível identificar ao menos dois momentos, além do próprio Balem: o momento em que foi legado ao seu sucessor, Pe. Ruben Neis, e o da atual gestão institucional.<sup>7</sup> Pe. Neis (1987, p. 45) relatou na homenagem que fez ao seu mestre e amigo, referindo-se ao acervo:

Durante os últimos anos de existência sempre temia que após sua morte as pilhas de anotações e escritos seriam jogados no lixo ou incineradas, como acontece com frequência em tais casos. Por isso me fez um apelo oral, repetido em seu testamento, que eu me encarregasse de seu material histórico.

Com isso, podemos deduzir que fisicamente o acervo sempre esteve institucionalizado, apesar de não tratado e pouco acessado.

Heymann (1997, p. 44) esclarece que é importante manter a relação entre o produtor do acervo e o próprio processo de acumulação, pois o acervo não é a sua memória em estado bruto. Tal como veremos mais adiante, a

perspectiva é alterada quando percebemos que estes conjuntos documentais estão sujeitos a múltiplos processos de seleção e reordenamento interno,

<sup>6</sup> Os dados biográficos dispostos ao longo do texto foram coletados em seu acervo, no seu dossiê sacerdotal (AHCMPA, pasta 394), além de: NEIS, 1987; ANGELI, 2017.

<sup>7</sup> A autora deste artigo é a responsável pelo AHCMPA, tendo ingressado em 1995 como estagiária do curso de História. Após a graduação (1997), foi contratada como funcionária, tendo como supervisor Pe. Ruben Neis, falecido em 2003. Neis abria os armários e apontava: “Dona Vanessa, nestas prateleiras está o material do mons. Balem, que o deixou para mim”.

decorrentes do caráter mutável e polissêmico da memória, (re)atualizável a cada momento (HEYMANN, 1997, p. 44).

Ao longo de sua vida, mons. Balem se motivava por diversos temas ligados à história da Igreja Católica e seu avanço no território sul-rio-grandense. Suas primeiras publicações<sup>8</sup> foram na Revista do IHGRGS<sup>9</sup>, instituição que ingressaria como membro em 1949<sup>10</sup>. Em 1941, publicou pela católica Tipografia do Centro<sup>11</sup> o livro “A primeira paróquia de Porto Alegre: Nossa Senhora Madre de Deus”<sup>12</sup>, enquanto que em 1952, lançou outra célebre pesquisa “A paróquia de São José de Taquari”.

Nos anos 1950, publicou no jornal “A Nação” (1950-1959) a coluna diária intitulada *Efemérides Religiosas*, repleta de eventos religiosos marcantes não só para a Igreja Católica local, mas de outras partes do país e do mundo, assim como publicou, entre 1957 e 1958, no “Jornal do Dia” a coluna *A Nota Histórica* que tratava de pequena biografia de algum personagem histórico (religioso ou não).

Compreender a produção de João Maria Balem contextualiza o processo de constituição do acervo, já que o maior volume é composto pelas anotações dos fatos eclesiais, assim como pelos recortes de jornais onde foram publicadas as mencionadas *Efemérides*.

Como já dissemos, Caxias do Sul era um tema com o qual tinha identificação afetiva, posto ser seu local de nascimento e onde residia sua família. O reconhecimento era mútuo, como observamos a notícia do jornal “Correio Rio Grandense” (13/11/1971, p. 14) por ocasião da comemoração dos 60 anos de vida sacerdotal. Primeiramente, contextualizava seu saber ao afirmar que, “diante dos excepcionais dotes, o então bispo Dom Cláudio Ponce de Leão mandou-o a Roma”, para logo enfatizar que “no setor cultural é poeta, escritor, jornalista e historiador. É sobretudo na história que ele se destaca”.

O acervo, que conta com 4,30 m lineares, está sendo desvendado, não só no que diz respeito ao conteúdo, mas também sobre os seus significados. Conforme afirma Lopes (2017, p. 32) o fato de guardar objetos e documentos estaria ligado à relação do indivíduo com o

<sup>8</sup> O levantamento da publicação bibliográfica de mons. Balem baseou-se nas informações disponíveis em: MARTINS, 1978.

<sup>9</sup> Foram três artigos publicados em 1932: “Jurisdição eclesial sobre o Rio Grande do Sul” (n. 47), “Prelados e bispos do Brasil” (n. 48) e “A imprensa de Santa Maria” (n. 48).

<sup>10</sup> Conforme discriminado no quadro que lista os membros e suas categorias (RIHGRGS, n. 122, p. 181).

<sup>11</sup> Pela mesma Tipografia do Centro lançou alguns opúsculos: “A capela São Francisco do Porto dos Casais” (1946), “O Seminário de Nossa Senhora da Madre de Deus” (1947), “Frei Germano de Saint Six Ofm Capuchinho” (1947) e “Capuchinho” (1949).

<sup>12</sup> No ano anterior integrou a publicação que celebrava o bicentenário de Porto Alegre: FRANCO, Álvaro; COUTO E SILVA, Morency; SCHIDROWITZ, Léo Jerônimo (Orgs.). **Porto Alegre: Biografia duma cidade.** Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1940, p. 379-401.

mundo à sua volta e à necessidade de permanência. O apelo feito ao seu discípulo<sup>13</sup> Pe. Ruben Neis permitiu que o acervo fosse preservado.

A complexidade do acervo de Balem nos permite múltiplos olhares. Mas será a partir de um pequeno recorte, baseado nas versões do texto *Reminiscências – A nova Catedral de Porto Alegre* que observaremos mais de perto como mons. Balem se relacionava com o seu presente, acionando suas memórias do vivido.

### Acionando memórias

Filho de imigrantes italianos que se fixaram em Caxias do Sul/RS, em 1887 nascia João Maria Bento Balem, o primeiro de 10 irmãos. Saiu da casa paterna aos 12 anos, a fim de iniciar a carreira eclesiástica: ingressou no Colégio São José (Parei Novo/RS), em 1905 mudou-se para o Seminário N. Sra. Madre de Deus (Porto Alegre/RS)<sup>14</sup> e três anos depois partiu para Roma, a fim de concluir Teologia e estudar Direito Canônico no Colégio Pio Brasileiro.

Aliás, Roma, onde também foi ordenado sacerdote (1911), trazia-lhe boas lembranças, como deixou registrado em *Reminiscências*<sup>15</sup>, ao reproduzir o diálogo com o amigo mons. Luiz Mariano da Rocha:

Sempre foi meu sonho construir uma bela igreja, desde que voltei de Roma, onde fomos juntos estudar... quantas magníficas igrejas vimos, te lembra? Eu ia ver os templos, enquanto o amigo gostava mais de ir ver as galerias de arte [...].

De volta a Porto Alegre, foi nomeado subsecretário (1912) e depois secretário (1914) do novo arcebispo, Dom João Becker, função que exerceu por pouco tempo, pois foi designado à paróquia N. Sra. da Glória, a qual teve a incumbência de construir o prédio. Em 1916, no mesmo ano que integrou o Cabido Metropolitano como cônego catedrático, recebeu a notícia que seu irmão, que se encontrava na guerra, na Itália, fora capturado e feito prisioneiro na Áustria<sup>16</sup>. Entre 1919 a 1949 foi Cura (Pároco) da Catedral<sup>17</sup>, sendo nomeado, a partir de fevereiro de 1920 (até 1950) Diretor das Obras da Catedral.

---

<sup>13</sup> Embora mons. Balem não estivesse diretamente ligado à gestão do AHCMPA, sua circulação era irrestrita, contando com o jovem sacerdote Pe. Ruben Neis que demonstrava grande interesse pelo estudo da história. De qualquer modo, o AHCMPA, em função da longa tradição eclesiástica, foi sempre gerido por sacerdotes, tendo sido o último, Pe. Ruben Neis. A afinidade que surgiu entre Pe. Neis e a autora deste trabalho, permitiu sua permanência, assim como a gradativa profissionalização do espaço.

<sup>14</sup> Atual prédio da Cúria Metropolitana.

<sup>15</sup> Excerto presente em todas as versões encontradas em seu acervo.

<sup>16</sup> Não encontramos no acervo menção alguma sobre o futuro do irmão, mas localizamos seu obituário: José Donato Balem faleceu em 1970, na idade de 82 anos, veterano da I Guerra Mundial, tendo sido capturado logo

Sendo assim, mons. Balem<sup>18</sup> sempre residiu no prédio da Cúria Metropolitana, outrora Seminário, sua primeira moradia em Porto Alegre. A Cúria, situada nos fundos da Catedral, foi o lugar privilegiado para ver surgir o prédio que tanto estimava: “À Catedral dediquei o melhor de minhas energias, e boa parte de minha vida. Tem razão quando dizem que ela é a menina de meus olhos e o orgulho de meus velhos dias.”<sup>19</sup>

A partir de 1947 o governo da Arquidiocese de Porto Alegre tinha um novo arcebispo, Dom Vicente Scherer. Além da mudança do pastor, mudaram-se também as estruturas, havendo reformas desde a nível pastoral até de gestão.<sup>20</sup> Mons. Balem passaria a ter outras funções na Cúria Metropolitana, que perduraram praticamente até sua morte: arcediogo, capelão do convento N. Sra. do Carmo e da Irmandade São Miguel e Almas<sup>21</sup>, Defensor do Vínculo<sup>22</sup> e historiador eclesiástico<sup>23</sup>.

Quanto às obras da Catedral, Balem seguia acompanhando, mesmo de longe, fazendo algumas anotações e guardando fotografias. No entanto, é perceptível a escassez de material, assim como observações mais pontuais e contemporâneas àqueles momentos.

A partir das mudanças que se projetaram na vida de mons. Balem, sobretudo no que diz respeito às obras da Catedral, é possível que o trabalho da memória tenha se manifestado de modo que a representação de suas experiências vividas tenha sido cada vez mais acionada. Nesse sentido, entende-se que a memória conservaria informações individuais e/ou coletivas de fatos, acontecimentos, e que passariam por reelaborações constantes (LE GOFF, 1996, p. 423-424).

Marcia D’Alessio (1998, p. 270), ao investigar as transformações metodológicas que os estudos da memória produziram na historiografia, identificou que a “vontade de lembranças” surgia em momentos de tensão entre o tradicionalismo e a modernidade, “tensão essa reveladora de rupturas que [...] desorganizam formas de viver”. À medida que as mudanças vão ocorrendo, os referenciais da vida se desorganizariam, o que faria necessário a

---

que chegou, levado a um campo de concentração onde permaneceu até o fim do conflito, já que falava alemão (PIONEIRO, Caxias do Sul, 11/07/1979, p. 5).

<sup>17</sup> À exceção dos anos 1936 e 1937, quando foi nomeado novamente nomeado para a igreja N. Sra. da Glória.

<sup>18</sup> O título de “monsieur” foi-lhe dado a 17 de setembro de 1927.

<sup>19</sup> Excerto do discurso que proferiu em 28 de março de 1972 ao receber o título de Cidadão de Porto Alegre, conforme Lei Municipal n. 3606 de 27/12/1971 (NEIS, 1987, p. 42).

<sup>20</sup> Sobre a atuação de Dom Vicente Scherer ver: MOESCH, 2007; KASPER, 2012.

<sup>21</sup> Função que desempenhava desde 1932.

<sup>22</sup> Função da justiça eclesiástica responsável em defender o valor dos sacramentos do matrimônio e da ordem sacra.

<sup>23</sup> Nomeado em 1950 pelo arcebispo Dom Vicente Scherer. Oficialmente, a função de *historiador eclesiástico* foi criada e desempenhada apenas por ele (UNITAS, 1950).

busca de elementos do passado para conferir estabilidade e manter a conexão do momento vivido.

Nas agendas de mons. Balem, como já mencionado, muitas anotações de fatos do passado referentes às obras da Catedral foram lançados posteriormente, nos anos de 1950. Revela-se aí o caráter fragmentário da memória – o que geraria desconforto para a história (D’ALESSIO, 1998, p. 275) – mas que nos permite compreender a forma de produção de sua escrita.

Alguns brevíssimos trechos de suas *Reminiscências* podem ser encontrados no pequeno livro que lançou em 1956,<sup>24</sup> no qual se ocupou da história da matriz, desde seus primórdios no século XVIII, passando pela elevação a Catedral (1848), a demolição do antigo prédio (1920) e dando conta do que fora feito de obras até início da década de 1950. Nas últimas 20 páginas (trata-se de um livrinho de 69 páginas) transcreveu uma entrevista do Arcebispo de 1953 e informou sobre o novo projeto para angariar recursos.

Se, por um lado podemos entender que Balem talvez acionasse a memória em momentos de consciência da passagem do tempo, por outro, admitimos que o presente seria o parâmetro que se temporalizaria (TEDESCO, 2011, p. 12). Nesse sentido, as sucessivas alterações no texto que se inicia como *Achegas* e acaba com o título de *Reminiscências* estariam revelando reflexões de seu presente, pois, como afirma Lowenthal (apud TEDESCO 2011, p. 14), “novas experiências alteram continuamente os esquemas mentais que moldam o que foi previamente lembrado”.

O texto *Achegas para a história da nova Catedral de Porto Alegre* foi escrito na agenda de 1934, nas páginas dos dias 07, 08 e 09 de fevereiro. A escrita é frenética, cheia de detalhes que não serão encontrados no texto *Reminiscências*, tais como: “nossa viagem a Gravataí, três horas de carro de praça (naquele tempo não havia faixa de cimento, mas uma estrada muito esburacada)” ou “comprou o terreno na rua da Glória (hoje Cor. Francisco Neves, filho natural do côn. Neves)”. E assim se sucedem as intervenções entre parênteses.

Ricoeur (2003), na intenção de escapar da descrição linear da memória como matriz da história, sugere que seja tratada de forma circular, pois, ao passar pela escrita, o passado histórico será reapropriado, iniciando-se novamente o círculo. Memória, então, não seria apenas sobre lembrar-se, mas o que lembrar e como lembrar.

### **Da memória acionada à escrita: aproximando-se de Ricoeur**

<sup>24</sup> BALEM, João Maria. *A Catedral de Porto Alegre*. Porto Alegre: Tip. Pia Soc. Filhas de S. Paulo, 1956.

[...] quem foi que ideou o projeto, quem o ideou de pedra, quem organizou a pedreira e a oficina de cantaria, quem comprou a maquinaria de ar comprimido, quem comprou o terreno na rua da Glória.<sup>25</sup>

O texto manuscrito intitulado *Achegas* foi produzido na década de 1930. Apesar de não ser possível precisar quando teria sido reescrito e com título mudado para *Reminiscências*, podemos situá-lo após 1950 até às voltas de 1960.<sup>26</sup> A terceira versão, datilografada, é a que estimamos tenha sido preparada para a publicação em 1976, embora apenas cerca de um terço do texto tenha ido para o jornal.

Foram três tempos diferentes, três momentos de vida em que Balem se deteve no mesmo texto.

Paul Ricoeur, de acordo com Reis (2006, p. 22-23), reinseriu a temporalidade na história, porque a história, lógica e temporal, necessita da referência do vivido para ser útil à vida. A fim de resolver o dilema entre a experiência e a consciência, Ricoeur recorreu à síntese dos tempos filosóficos agostiniano e aristotélico.

O tempo agostiniano trata do tempo cósmico, interior, no qual o passado se manifesta através da memória, enquanto o segundo, tempo de Aristóteles, seria o tempo vivido, lógico (BARROS, 2011, p. 4-5). Da justaposição de ambos os tempos nasceria o impasse entre o vivido e a lógica, entre o tempo e a narrativa (REIS, 2006, p. 24; BARROS, 2011, p. 6).

A memória, concebida como existente internamente, não poderia ter o tempo medido, conceituado. Sendo assim, seria a narrativa a responsável por organizar o tempo, extrair sentido da experiência temporal (BARROS, 2011, p. 6-7).

Por esse ângulo, mons. Balem elaborou narrativas associadas à sua memória, como modo de organizar suas experiências. Repetindo o processo como o fez, reelaborando as próprias narrativas (do mesmo tema), alterando e reconfigurando elementos, entendemos a possibilidade de aproximação ao modelo do círculo hermenêutico de Paul Ricoeur.

Na articulação do tempo e da narrativa, Ricoeur apresentou o círculo hermenêutico, tendo em sua composição três instâncias criadoras. A primeira seria o ponto de partida, situado no campo prático, ou seja, aproximando-se do viver. A segunda instância viria a ser a narrativa (ou intriga) construída, a qual será recebida pelo leitor; a narrativa vai cumprir o papel mediador entre o leitor e o viver, possibilitando novamente o início do movimento, da relação entre o texto e o viver (BARROS, 2011, p. 16-17). De acordo com Reis (2006, p. 28),

<sup>25</sup> Excerto do manuscrito *Achegas* (1934), no qual mons. Balem referiu-se a si mesmo.

<sup>26</sup> A estimativa baseia-se nas características extrínsecas da escrita, ou seja, a caligrafia vai se alterando, mas, sobretudo, pela utilização de caneta esferográfica nas correções e complementação do texto. No acervo de Balem, encontramos o uso da esferográfica a partir da década de 1960.

“o tempo vivido torna-se o tempo humano na medida em que é articulado de forma narrativa e a narração ganha todo o seu significado quando se torna uma condição de experiência temporal”.

Nessa operação, a memória não é tratada apenas

em termos de presença/ausência, mas também em termos de lembrança, de rememoração, aquilo que chamamos de *anamnesis*. E quando essa busca termina, falamos em *reconhecimento*. [...] Nenhuma outra experiência dá a este ponto a certeza da presença real da ausência do passado. Ainda que não estando mais lá, o passado é *reconhecido* como tendo estado (RICOEUR, 2003, s/p).

Ao refletir sobre seu vivido, Balem criou seu próprio círculo de lembrar, escrever e reapropriar-se de sua escrita, para novamente iniciar o ciclo que teria durado de meados da década de 1930 até alguns anos antes de seu falecimento, em 1978. Para compreender essa relação, ficou evidente que na versão mais longa (década de 1960), e quando passou a se intitular *Reminiscências*, o autor detalhou diversos acontecimentos, sobretudo do processo inicial das obras:

Então começamos a depositar a terra, os entulhos, na rua Dom Sebastião e por sobre a terra ali colocada iniciamos um enorme depósito que tomou toda a rua Dom Sebastião, e o depósito foi-se alargando cada vez mais, entrando a terra pelos jardins do Palácio do Governo e ameaçando entrar no edifício do antigo Seminário, cujas janelas e portão foram defendidas por paredes improvisadas de madeira. As fotografias da época ilustram a situação.

No mesmo sentido, mons. Balem tratou de referenciar alguns indivíduos que trabalharam nas obras, mencionando não só seus nomes, mas também informações pessoais. Ficou muito evidente no caso de José Comero o processo de (re)constituição, pois esse indivíduo foi apenas mencionado nas *Achegas*, quando Balem elencou os nomes dos primeiros pedreiros: “José Comero, nascido em Luján, na Argentina, em 28 de setembro de 1908.” Diferentemente dos outros dois pedreiros, mons. Balem agregou muitos outros dados de José Comero nas *Reminiscências*, inclusive sendo utilizado no encerramento do artigo publicado em 1976:

José Comero, nascido em Luján, na Argentina, em 28 de setembro de 1908 e falecido em Porto Alegre a 31 de dezembro de 1974. Era viúvo de Ercília Pinheiro, filho de Domingo e Teresa Vilhoco. Trabalhava nas obras da Catedral desde o ano de 1925, faleceu de trombose no Hospital Nossa Senhora da Conceição. Foi enterrado no cemitério da Santa Casa de Misericórdia, onde estava o túmulo de sua esposa. No dia 2 de fevereiro de 1974 na capela São Miguel e Almas, antes do enterro, foi celebrada a missa de corpo presente pelo Bispo Auxiliar Dom Antonio do Carmo Cheuche, concelebrando mons. Balem, Allgayer e Pe. De Lorenzi. O Cardeal Vicente Scherer visitou o corpo. O Pe. De Lorenzi dirigiu uma palavra de despedida.

De acordo com Chartier (2005, p. 79), Ricoeur entende que a relação afetiva que a memória conserva com o passado pode fazer com que as reconstruções sejam manipuladas. No entanto, Ricoeur também reconhece que o vínculo da memória com a história é muito forte e a dependência entre ambas reside na conexão que têm com o passado, ou seja, representam no presente o que já passou (CHARTIER, 2005, p. 80-82).

A memória, tomada como testemunha e prova de um passado que não é mais, garante o reconhecimento, assim como empreende mons. Balem, transformando *sua memória* em um mecanismo contínuo de interpretação.

### **Considerações finais**

A rememoração, evocação simples da lembrança, deu início ao processo de nos reapropriarmos da narrativa de Balem. Comemorar os 100 anos da construção da nova Catedral desencadeou o processo da memória, do reconhecimento do vivido como reflexão para uma nova narrativa. O ciclo aparentemente voltado para a reapropriação exclusiva do próprio mons. Balem encontrou novos leitores.

O artigo propôs-se a investigar um personagem complexo, tendo em vista questões relacionadas ao seu acervo, buscando compreender a relação dele (como produtor) com anseios de permanência. Porém, ao tratar de um acervo nunca questionado, tornou-se um profícuo campo a ser explorado, possível de ser observado sob quantas nuances perita a imaginação.

O recorte particular que escolhemos, as versões do texto *Reminiscências*, lançou um olhar mais próximo do mons. Balem e optamos por compreender as narrações múltiplas a que ele se lançou, ressignificando seu passado em vista do próprio presente. Ao escrever, ao narrar, a relação do tempo parece não se alterar, porque a narrativa, como reforça D'Alessio (1998, p. 271), não se entrega e conserva suas forças.

Foi assim que mons. Balem parece ter enfrentado a passagem do tempo, ativando a memória através de lembranças registradas (CUNHA, 2004, p. 4). Ao acionar suas memórias, Balem pode sucessivamente partir do seu vivido para reencontrar o vivido.

A imposição do presente sobre o passado revela a consciência da passagem da vida. Ao dar-se conta da grande ruptura que sofreu por não estar mais à frente do projeto da nova Catedral de Porto Alegre, que ideou e articulou, passou a reinterpretá-lo, reconstruindo a narrativa. Por isso, reconhecemos a possibilidade de inspiração do círculo hermenêutico de Ricoeur para aproximar-se da operação desenvolvida por Balem. Ampliava-se o

conhecimento do vivido, pois a cada narrativa novas avaliações da realidade aconteciam, como uma espécie de catarse (REIS, 2006, p. 34).

Enfim, novos leitores de *Reminiscências* já estão se reapropriando do texto, iniciando novo ciclo, abrindo a novas possibilidades.

### Referências bibliográficas

ANGELI, Douglas. Plínio Salgado *versus* Alberto Pasqualini no álbum de recortes de João Maria Balém (1950). In: SANTOS, Amanda; VARGAS, Jonas; LEAL, Elisabete. **Fronteiras e identidades**: reunião de artigos do III EIFI. Pelotas: Ed. do Autor, 2017, p. 272-281.

ANHEIM, Étienne. Arquivos singulares – o estatuto dos arquivos na epistemologia histórica. Uma discussão sobre “A memória, a história, o esquecimento”, de Paul Ricoeur. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (Orgs.). **Pensar os arquivos**: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV, 2018, p. 121-154.

BARROS, José D’Assunção. Paul Ricoeur e a narrativa histórica. **História, imagem e narrativas**, n. 12, abr. 2011.

BRITTO, Augusto César Luiz; CORRADI, Analaura. Egodocumentos: os documentos que expressam a personalidade, intimidade e motivações dos titulares de arquivos pessoais. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (FURG), v. 32, n. 2, p. 98-129, jul./dez. 2018.

CAMPOS, Vanessa Gomes de. Arquivos Pessoais: Sujeito, Contexto e Organicidade... In: **Anais do 7º Seminário Regional de Arquivos: Fontes de pesquisa em ambiente digital**. Anais... Santa Maria (RS) Online, 2020. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/aars7sra/326766-arquivos-pessoais---sujeito-contexto-e-organicidade>. Acesso em: 22 jun. 2021.

CAMPOS, Vanessa Gomes de; ZUCHETTI, Caroline; VOLPATTO, Lucas Bernardes. **Das pedreiras às torres e carrancas**: uma nova Catedral para Porto Alegre. Porto Alegre: Outubro, 2021. Disponível em: <https://www.catedralpoa.com.br/>. Acesso em: 09 ago. 2021.

CARDOSO, Vanessa Cabral Bezerra; CÓRDULA, Ana Cláudia Cruz; MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. Trajetória literária de Polábio Alves: pelas frestas do seu arquivo pessoal. In: OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de; ROSA, Maria Nilza Barbosa; CÓRDULA Ana Cláudia Cruz (Orgs.). **Vidas desarquivadas**: memórias que narram os arquivos privados pessoais. João Pessoa: Editora UFPB, 2019, p. 141-157.

CHARTIER, Roger. El pasado en el presente: una lectura de Ricoeur. In: CHARTIER, Roger. **El presente del pasado**: escritura de la historia, historia de lo escrito. México, D.F: Universidad Iberoamericana, 2005, p. 69-87.

CUNHA, Olívia. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo, **Mana**, Rio de Janeiro, 10(2), 2004. p. 287-322.

D’ALESSIO, Marcia Mansor. Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos e poder. **Proj. História**, São Paulo, 17, nov. 1998, p. 269-280.

- FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, 1998, p. 59-87.
- GONÇALVES, Janice. Lugares de memória, memórias concorrentes e leis memoriais. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 7, n. 13, Jul./Dez. 2015.
- HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 19, 1997, p. 41-66.
- KASPER, Rafael. **Movendo as peças do tabuleiro: a atuação de Dom Vicente Scherer à frente da Arquidiocese de Porto Alegre (1961-1981)**. Dissertação de Metrado (Programa de Pós-Graduação em História) – UNISINOS, 2012.
- KETELLAR, Eric. (Des)construir o arquivo. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (Orgs.). **Pensar os arquivos: uma antologia**. Rio de Janeiro: FGV, 2018, p. 193-206.
- LACERDA, Thays. Sobre memória exercitada e o dever de memória em Paul Ricoeur. Encontro diversidade em arquivos, 1, 2018, João Pessoa-PB. **Anais Eletrônicos...** João Pessoa-PB. Disponível em <https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-9e5e6f89c4f894e6f9d64c642b5f4877f2b6ab8a-arquivo.pdf>. Acesso em 14 jan. 2021.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 1996.
- LOPES, José Rogério. **Colecionismo, arquivos pessoais e memórias patrimoniais**. Porto Alegre: CirKula, 2017.
- MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. UFRGS/IEL, 1978.
- MCKEMMISH, Sue. Provas de mim... In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (Orgs.). **Pensar os arquivos: uma antologia**. Rio de Janeiro: FGV, 2018, p. 239-259.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de reflexão. In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: UNESP/FAPESP, 1999, p. 11-29.
- MOESCH, Eduardo Pretto. **Dom Vicente Scherer: a voz de um pastor**. Porto Alegre: Padre Réus. 2007.
- NEIS, Ruben. Centenário de nascimento de mons. João Maria Balem. **Unitas**, fasc. 1-4, jan./abr. 1987, p. 41-45.
- PÉREZ CORTÉS, Sergio. “Dictatores non escriptores”. In: PÉREZ CORTÉS, Sergio. **La travesía de la escritura: de la cultura oral a la cultura escrita**. México: Santillana Ediciones Generales, 2006, p. 15-90.
- REIS, José Carlos. Tempo, história e compreensão narrativa em Paul Ricoeur. **Locus: Revista de História**, v. 12, n. 1, 2006.
- RICOEUR Paul. Memória, história, esquecimento. **Hauting memories? History in Europe after authoritarianism**. Budapeste, mar. 2003. Disponível em [https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos\\_ricoeur/memoria\\_historia](https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia). Acesso em 02 nov. 2020.
- SCHWARTZ, Joan; COOK, Terry. Arquivos, documentos e poder: a construção da memória moderna. **Registro: Revista do Arquivo Público Municipal de Indaiatuba/Fundação Pró-Memória Indaiatuba**, v. 3, n. 3, jul. 2004, p. 15-30.
- SILVA, Gilvan Ventura da. Cultura escrita e comunicação oral no cristianismo antigo: as homilias como instrumentos de poder. **Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 9, p. 212-233, 2017.

TEDESCO, João Carlos. **Passado e presente em interfaces: introdução a uma análise sócio histórica da memória.** Passo Fundo: UPF Editora, 2011.